

## O estado da arte da produção textual

### The state of the art of text production

Soraya Rozana Sartorelli\*  
 Alaiane Regina Teodoro\*\*  
 Ana Cristina da Trindade Martins\*\*  
 Rogério Alves Ferreira\*\*  
 Vanessa Simões\*\*  
 Vânia Aparecida de Lima\*\*  
 Vinícius Alexandre Pereira da Silva\*\*

\* Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do curso Letras da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). e-mail: <sartorellisr@uol.com.br>.

\*\* Discentes do curso de Letras da UNOPAR.

#### Resumo

O objetivo do aprendizado de Língua Portuguesa no ensino fundamental e médio refere-se ao aperfeiçoamento de quatro habilidades específicas: falar, ouvir, ler e escrever. De uma forma geral, a escola tem fracassado em todas elas, sobretudo em relação à competência textual, mais especificamente a capacidade de comunicar-se através de textos escritos, dotados de coesão e coerência. Inserida no projeto de pesquisa "Linguagem escrita: o grande desafio do ensino de língua portuguesa no ensino médio", desenvolvido no Curso de Letras da Unopar, campus de Arapongas, esta comunicação pretende apresentar o estado da arte da produção de textos, no intuito de propiciar aos interessados um panorama geral acerca dos estudos que têm privilegiado esse assunto. Acredita-se que as obras citadas possam contribuir de alguma forma com os docentes e discentes que têm interesse na produção textual escrita.

**Palavras-chave:** Ensino médio. Produção textual escrita.

#### Abstract

*The purpose of learning the Portuguese Language in the High School is related to the improvement of the four specific abilities: speaking, hearing, reading and writing. By and large, the schools have failed in all of them, above all in relation to the textual competence, more precisely the capacity of communicating through written texts, endowed with cohesion and coherence. Inserted in the research project "Written language: the great challenge of the ensino médio Portuguese language teaching", carried out in the Course of Languages of Unopar, campus of Arapongas, this communication has the purpose of presenting the state of the art of text production, in order to provide to whom it may be of interest an overview of the studies which have privileged this theme. It is believed that the cited reference work may somehow be a contribution to the professors and students who have concern about the written textual production.*

**Keywords:** High school. Written textual production.

## 1 Introdução

Os objetivos do ensino de língua materna referem-se ao desenvolvimento de habilidades específicas: falar, escrever, ouvir, ler. Pode-se considerá-las também como habilidades de expressão escrita: escrever/ler e expressão oral: falar/ouvir, ou habilidades de emitir mensagens: falar/escrever e de receber mensagens: ouvir/ler (BRASIL, 1999). De uma maneira geral, a escola tem demonstrado poucos resultados positivos nessa tarefa, sobretudo quando se considera a questão da produção escrita. Inúmeros fatores de diversas naturezas – social, política, econômica – contribuem para esse problema, e não é o objetivo deste trabalho discuti-los ou analisá-los. Porém, uma das questões envolve o hiato existente entre pesquisa e sociedade nas universidades brasileiras. Os conhecimentos são gerados, mas deixam de chegar aos locais nos quais poderiam resultar em benefícios para a comunidade em geral.

Com base nessa situação, este trabalho objetiva, de maneira sucinta, fazer um levantamento dos

principais estudos que se encontram à disposição dos professores e demais interessados na questão da produção textual escrita, ou seja, apresentar um breve estado da arte sobre o tema.

Assim, usando como método a pesquisa bibliográfica, fez-se um levantamento de obras que têm como ponto em comum estarem em sintonia com os últimos estudos acerca da linguagem, entendida aqui como forma ou processo de interação. Ou seja, quando um indivíduo usa a língua, não o faz simplesmente para transmitir informações ou exteriorizar seu pensamento. Ele realiza, através desse uso, ações sobre seu interlocutor.

## 2 Estado da Arte da Produção Textual Escrita

Uma das primeiras questões que o professor deve ter muito claro quando trabalha com o texto é o conceito do mesmo, isto é, o que o professor entende como texto? Quais são seus constituintes básicos? Como distinguir um texto de um não-texto?

As respostas às questões delineadas acima estão dentro da área da Linguística Textual, surgida na década

de 60, na Alemanha. Nesse sentido a obra de Fávero e Koch (2000) é indispensável. Trabalhando o texto como unidade de comunicação caracterizada pela textualidade – a coesão e a coerência textuais –, as autoras fazem, primeiramente, um histórico do surgimento desse ramo da ciência da linguagem, mostrando sua origem, as causas de seu surgimento e sua relevância. Distinguem discurso “unidade passível de observação, aquela que se interpreta quando se vê ou se ouve uma enunciação” de texto “unidade teoricamente reconstruída, subjacente ao discurso” (FÁVERO; KOCH, 2000, p. 23). Em seguida, no segundo capítulo, apresentam alguns lingüistas cujas obras foram precursoras da Lingüística Textual. No terceiro e último capítulo, há uma resenha cujo objetivo é trazer os trabalhos de autores “[...] empenhados, uns, na pesquisa das propriedades específicas dos textos, outros, na construção de modelos das gramáticas textuais.” (FÁVERO; KOCH, 2000, p. 9). Dentre eles destacam-se: Halliday, Ducrot, Weinrich e Van Dijk.

Uma segunda leitura necessária é também de Koch. Nessa obra a autora trata especificamente da coesão textual, definida como um conceito que

diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. (KOCH, 2001, p. 19).

A fim de verificar o que é coesão e como ela se estabelece dentro do discurso, Koch identifica os mecanismos que constituem o texto e examina, com base neles, os tempos verbais, os conectivos, as classes de palavras e de sentenças, os processos de ordenação e de retomada do tema. Trabalha, assim, com duas grandes modalidades de coesão: a referencial e a seqüencial, analisando-as através de textos variados.

Em co-autoria com Travaglia, Koch publicou anteriormente, uma obra compreendendo o texto

como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão e pela audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor / ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. (KOCH; TRAVAGLIA, 1997, p. 10).

Nesse livro os autores afirmam que é praticamente impossível dizer o que é coerência através de um conceito. Na verdade, quando se lê um texto e se consegue percebê-lo como tendo uma unidade significativa global, ou seja, um significado dentro de determinado contexto, pode-se afirmar que tal seqüência lingüística tem coerência e se constitui num texto (KOCH; TRAVAGLIA, 1997, p. 45). Isso ocorre através de uma multiplicidade de fatores que são analisados pelos autores no capítulo 4 (quatro). Alguns desses elementos são conhecimento compartilhado, conhecimento de mundo, situacionalidade, inferências, fatores de contextualização, informatividade focalização, elementos lingüísticos, intertextualidade, dentre outros. O último capítulo do livro traz uma reflexão de como a lingüística textual, a coesão e a coerência podem

auxiliar o professor no trabalho com a língua portuguesa, mais precisamente com a produção textual oral e escrita.

Tendo como objetivo examinar também esses dois importantes fatores de textualidade: a coesão e a coerência textuais, Fávero (2001) dá sua contribuição na obra cuja primeira parte mostra ao leitor como analisar diferentes tipos de coesão: referencial, recorrential, seqüencial, usando para isso textos de Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo, João Cabral de Melo Neto e Ziraldo. Na segunda parte, reformula a noção de coerência, frisando que enquanto a coesão aparece na microestrutura textual, a coerência, em grande parte, manifesta-se na macroestrutura do texto. Após explanação de alguns mecanismos responsáveis pelo estabelecimento da coerência, a autora parte para a aplicação dos mesmos em diversos textos. A última parte do livro trata dos mecanismos de coesão e coerência na linguagem da conversação.

A intertextualidade, uma das condições indispensáveis para o estabelecimento da coerência de um texto ainda é desconhecida de uma boa parte dos professores. Uma pesquisa feita em 2002, dentro do Projeto de Extensão “Leitura e Intertextualidade”, com professores da rede pública, mostrou que a maioria deles desconhece do que se trata o assunto ou têm uma visão fragmentada do mesmo. As causas disso vão desde a má formação dos professores à falta de material sobre o assunto. Assim, a obra de Paulino, Walty e Cury (1995) é tão importante. O livro fornece uma visão teórica detalhada do que é intertextualidade, entendida como o diálogo entre as produções culturais humanas (p. 12). Dessa maneira, em relação ao texto verbal, pode-se dizer que se constrói com base nas leituras e experiências textuais de seu autor, isto é, um texto retoma sempre outro ou outros textos que lhe são anteriores. A obra em questão trata da intertextualidade em textos verbais e não-verbais, como por exemplo, a releitura de romances em linguagem cinematográfica. Além disso, as autoras apresentam 21 (vinte e uma) propostas de atividades práticas para se trabalhar o assunto em sala de aula, através de textos diversificados.

Algumas pessoas consideram a produção de texto como um “dom inato” ou ainda que é possível produzi-lo por simples inspiração. Porém, Serafini (1995) mostra que tal atividade é o resultado de operações elementares, nas quais é necessário envolver a língua e o raciocínio. A autora faz uma análise das várias fases do desenvolvimento produtivo de um texto, avalia e examina métodos, estabelecendo objetivos práticos e indispensáveis para uma boa avaliação e correção de textos. Essa obra trata do “escrever bem” como um exercício que consiste em encontrar, ordenar e organizar idéias para que sejam inseridas em um texto de forma adequada. Isso será diferente para uma novela, um conceito matemático ou para uma lei da física, por exemplo. Para ser um bom produtor de texto não é necessário que se escreva como um artista, apenas que o emissor consiga expressar aquilo que realmente deseja por meio da escrita. A autora deu prioridade à redação pois acredita ser essa uma forma completa e madura de escrita.

Leitura indispensável para qualquer profissional que trabalhe com a língua materna, Travaglia (2003) apresenta em sua obra os objetivos do ensino da gramática, as concepções de gramática e de linguagem, os tipos de gramática e de ensino de língua, a questão da variação lingüística, do texto e do discurso. Define, dessa maneira, uma perspectiva em que a aprendizagem da gramática não é um fim em si mesmo, mas um meio através do qual o indivíduo será capaz de utilizar a linguagem oral e escrita de maneira adequada, considerando as situações comunicativas nas quais esteja inserido. Além disso, o autor traz uma proposta para o ensino da gramática, envolvendo a gramática de uso, a reflexiva, a teórica, e a normativa, e tendo como suporte as teorias lingüísticas mais recentes.

Considerando a linguagem humana como forma de ação e interação entre indivíduos, Koch (2003a), como se observa neste trabalho, uma das autoras mais profícuas na área de estudos sobre a linguagem, trata, nessa obra, de

descrever e explicar a inter(ação) humana por meio da linguagem, a capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio da língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados. (p. 10).

Para isso, faz um apanhado geral das teorias lingüísticas que se constituem sobre o postulado de que a linguagem é uma ação intersubjetiva: a teoria da enunciação, a teoria dos atos de fala, a teoria da atividade verbal, e os postulados conversacionais de Grice. Considerando que ao utilizar a linguagem em determinada situação de comunicação, pretende-se agir sobre o outro de alguma forma, obtendo dele determinadas reações, a autora afirma que o uso que se faz da linguagem é essencialmente argumentativo e estuda os mecanismos lingüísticos através dos quais a argumentatividade se realiza. Na última parte do livro Koch, através de fartos exemplos, trabalha com a análise da conversação, disciplina que tem como objetivo estudar a constituição lingüística do texto falado.

Para conhecer melhor como se organiza o discurso persuasivo, Citelli (1998) traz uma obra didática e de fácil leitura. No início, faz um pequeno histórico do discurso persuasivo, da retórica clássica à moderna. Fala também, sobre algumas figuras de linguagem, mais precisamente sobre a metáfora e a metonímia. Em seguida, trata da organização do signo lingüístico na construção dos discursos persuasivos, vinculando a ideologia ao eufemismo. Dedicou um capítulo aos diversos tipos de discursos persuasivos que circulam na sociedade. Assim, “situada algumas das relações existentes entre retórica, ideologia e persuasão” (CITELLI, 1998, p. 42), inicia a análise de como se constrói a persuasão numa série de textos, dentro de diversas tipologias – discurso religioso, publicitário, didático e literário.

Um relato pormenorizado de um profundo processo de superação de problemas relacionados à produção escrita é feito nesta obra por Franchi (1996). A autora, professora de 1º grau na cidade de Campinas, estado de São Paulo, narra o cotidiano do trabalho com

crianças que apresentavam grandes problemas ao lidar com a modalidade escrita da linguagem. Usando farta documentação do material produzido pelos alunos, essa obra tem grande valor prático, em vista de que os problemas enfrentados pela autora correspondem àqueles enfrentados por qualquer professor da rede pública de ensino no Brasil: falta de material, baixa estima dos alunos, repetência, evasão, problemas disciplinares e heterogeneidade lingüística.

Resultado de sua dissertação de mestrado, Passarelli (2001) não apresenta neste estudo uma fórmula milagrosa para trabalhar a produção de texto, mas traz algumas soluções vinculadas ao contexto do que o aluno já sabe. O que sobressai é a questão do lúdico invadindo a seriedade do universo escolar. A proposta feita pela autora agrega ao lúdico a afetividade, com o objetivo de diminuir a frustração que muitos estudantes têm em relação ao ato de escrever e que se estende também aos professores quando trabalham com essa disciplina.

Para Guimarães (2004), um texto deve

constituir um todo, no qual o valor de cada elemento depende não apenas de sua natureza ou de sua forma própria, mas também de seu lugar e de suas relações com o conjunto. (p. 5).

Assim, a autora reúne e ordena as principais coordenadas do processo de articulação do texto: a estrutura sintática e a organização semântica. São, explorados, nessa perspectiva, procedimentos lingüísticos e discursivos, fatores que condicionam a homogeneidade e a estabilidade textual. Dessa maneira, por exemplo, discute-se a associação, numa relação de causa e efeito, das noções de coesão e coerência textuais, além do sistema de remetimentos extra e intratextuais.

Nesta obra, assim como em outras, Koch (2003b) estuda o processo de produção textual considerando as teorias sócio-interacionistas da linguagem. Essas teorias pressupõem a existência de um sujeito planejador/organizador que em suas inter-relações com outros sujeitos constrói textos influenciados por

[...] uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, as convicções, [...] as normas e convenções sociais. (KOCH, 2003b, p. 7).

Assim, a obra trata das marcas lingüísticas presentes nas atividades discursivas, além de questões pertinentes à produção do sentido na linguagem escrita e falada.

Blikstein (2001) traz aos leitores, de maneira clara e simples, alguns segredos e técnicas da comunicação oral e escrita, mostrando quais são os caminhos a serem percorridos por aqueles que querem transmitir suas idéias de maneira clara, concisa e eficaz. O autor mostra a importância de uma comunicação eficiente no mundo moderno, além dos segredos da modalidade escrita da língua, argumentando que essa repousa sobre um tripé: “tornar o pensamento comum, produzir resposta e persuadir” (BLIKSTEIN, 2001, p. 24), o que vai muito além dos conhecimentos sobre acentuação, pontuação ou ortografia.

Não seria possível abordar a produção textual escrita na escola sem passar pela questão da avaliação. Boa parte dos docentes questionados sobre o assunto têm dificuldades em verbalizar os critérios que adota no momento da correção do texto produzido. Uma das grandes reclamações dos alunos refere-se exatamente à maneira vaga com que o professor responde às perguntas: por que o meu texto tem problemas? O que eu preciso melhorar para que ele se torne um texto que cumpra seus objetivos? Os professores, por sua vez, reclamam do tratamento excessivamente teórico que é dado ao assunto pela maioria dos estudiosos.

Por essa razão não é possível deixar de falar sobre Michel Charolles (1978). O lingüista francês, preocupado em como os professores avaliavam a produção textual de seus alunos, criou um modelo teórico que chamou de meta-regras. Em número de 4 (quatro) – meta-regra da repetição, meta-regra da progressão, meta-regra da não-contradição e meta-regra da relação – o modelo proposto pelo autor abarca todos os mecanismos da textualidade e, por isso, constitui-se em critérios muito práticos para a avaliação dos textos produzidos em sala de aula, tanto para o professor que os aplica, quanto para o aluno que terá de reelaborar o texto corrigido.

### 3 Considerações Finais

Pelo âmbito que se propõe este artigo, ou seja, um recorte de algumas publicações sobre a produção textual escrita, nota-se que a bibliografia existente sobre o assunto é extensa e variada, contemplando aspectos teóricos e práticos da questão. O recorte feito baseou-se nas modernas teorias sócio-interacionistas da linguagem, para as quais um texto bem elaborado não se faz apenas levando em conta aspectos lingüísticos e gramaticais. Considerar o aluno como portador de valores da classe na qual está inserido socialmente, dando voz a esse sujeito, é o primeiro passo na formação de um competente produtor de textos orais e escritos. Em virtude disso, o trabalho apresentado não pretende ser conclusivo nem fechado. Sabe-se que pela complexidade do fenômeno – produção textual escrita – muitos estudos estão sendo feitos e outros, já publicados, podem ser desconhecidos dos autores deste artigo.

Espera-se que, de maneira geral, essa compilação tenha despertado o interesse ou tenha contribuído de alguma forma para esclarecer ao professor sobre possíveis teorias que possam embasar a sua prática. Compreende-se que a tarefa desse professor é árdua; que a sociedade como um todo exige dele renovação, atualização, conhecimento e reflexão, além da capacidade de desenvolver uma prática pedagógica própria ou de adaptar as propostas à sua realidade, sendo que o Estado contribui em muito pouco ou quase nada para isso.

Porém, em conversas informais com professores, pôde-se comprovar que o esforço vale a pena, pois os

resultados apresentados por classes onde existe uma preocupação na busca de soluções para os problemas apresentados são muito bons. Foi possível comprovar nessas conversas informais que, através dos estudos sobre a linguagem, muitas das dificuldades de aprendizagem dos alunos puderam ser superadas, motivando esse aluno e esse professor a seguir adiante em suas caminhadas.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

BLIKSTEIN, I. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CHAROLLES, M. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. *Langue Française*, Paris, n. 38, p. 7-41, mai 1978.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_.; KOCH, I. G. V. *Lingüística textual: introdução*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FRANCHI, E. *E as crianças eram difíceis: a redação na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GUIMARÃES, E. *A articulação do texto*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2004.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *A interação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003a.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003b.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PASSARELLI, L. G. *Ensinando a escrita: o processual e o lúdico*. 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

PAULINO, G.; WALTY, I.; CURY, M. Z. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. 10. ed. São Paulo: Globo, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.